

RESENHAS

DESFAR E TECER: O OFÍCIO DO HISTORIADOR NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Maria Izilda Santos De Matos*

Dulce O. Amarante dos Santos*

Reis, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de Destinos: Mulher e Educação* – São Paulo 1910/20/30. São Paulo, Educ, 1993. Coleção “Hipótese”, 129 páginas.

Nas últimas décadas, em todos os níveis da escola brasileira, expandiu-se a presença feminina. Atualmente, as mulheres representam 51% dos estudantes e cerca de 87% do professorado, sendo que seu acesso à educação reflete-se também nos índices de alfabetização, onde o número de mulheres alfabetizadas já superou o dos homens e soma-se a isso o fato de que elas também ostentam melhores índices de aprovação e rendimento escolar.

Todavia, este quadro foi antecedido por toda uma trajetória de lutas e dificuldades, e é nessa linha que a obra de Maria Cândida Delgado Reis, *Tessitura de Destinos: Mulher e Educação*, vem nos trazer uma contribuição. Seu trabalho não é fruto de uma descrença no presente mas parte de preocupações com a situação contemporânea da questão mulher e educação e propõe-se a recobrar as tensões num período significativo desse percurso, as décadas iniciais deste século.

Crescentes pesquisas na história vem recuperando os poderes e as lutas femininas, repensando mitos e estereótipos, além de rever imagens e enraizamentos impostos pela historiografia, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Revelaram-se novos perfis femininos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas. Dentro desse quadro e integrando sujeito e objeto numa verdadeira sintonia entre a autora e o tema de estudo, que Maria Cândida resgata a mulher enquanto sujeito da história.

* Professoras do Departamento de história da PUC-SP e membros do Núcleo de Estudos da Mulher – NEM/PUC-SP.

Utilizando-se da metáfora do tecido e do bordado em múltiplas perspectivas, a obra tem como objetivo: “investigar a formulação de lugares e imagens femininas no âmbito da instrução pública ministrada na cidade de São Paulo nas décadas de 10, 20 e 30 deste século” (p.14).

Momento histórico onde vários setores apontavam a importância da educação feminina, período também em que as lutas das mulheres se concentravam em dois pontos principais: o sufrágio e a educação. Assim pode-se perceber uma unanimidade em considerar a educação como elemento indispensável, porém alguns a identificavam como veículo de emancipação feminina enquanto outros visavam somente melhor gabaritar as mulheres para as funções de mãe e esposa, confinando-as no espaço privado.

Organizado em três capítulos, no primeiro, “Flutuações da imagem feminina” focaliza as representações discursivas sobre a mulher, bem como os direcionamentos no aspecto da educação feminina, recuperando também as diversas possibilidades apresentadas nos debates sobre esses destinos. Já em “Guardiães do futuro” partindo de duas escolas estaduais modelares, a Escola Normal da Praça (EESG Caetano de Campos) e a Escola Técnica do Brás (ETESG Carlos de Campos) investiga detalhadamente essas instituições e seus vínculos com toda uma proposta de ordenação social onde o “ser feminino” foi articulado aos destinos da nação através de uma dupla missão: mãe e mestra. Delineando o magistério como missão, essas propostas apresentavam toda uma vinculação entre escola e pátria, identificando dessa forma o papel da mestra com uma missão patriótica.

Caminhando para os anos 30, em “O círculo perverso da missão” focaliza a ação do Estado Novo abordando os encaminhamentos e os direcionamentos dados à educação feminina, analisa a legislação e como se estabeleceu, dentro da postura autoritária do governo, um projeto de disciplinarização dos corpos e dos campos de atuação das mulheres. Num quarto momento, traz à luz vozes dissonantes:

Aliadas ao sistema ou opondo-se a ele, essas mulheres compartilhavam do projeto disciplinar, baseado no poder regenerador da educação, divergindo, no entanto, quanto aos sentimentos e formas que as transformações deveriam tomar. (p.114)

destacando as experiências e as propostas de Pagu, Maria Lacerda de Moura e Ercília Nogueira Cobra.

Conhecedora do ofício do historiador e instrumentalizada por uma aguçada sensibilidade, partiu a procura de pistas e sinais muitas vezes enfrentando as dificuldades de arquivos não organizados, conseguindo coletar um corpo de referências esparsas que trouxe à luz uma diversidade de documentos desde crônicas radiofôni-

cas, revistas feministas, periódicos, inquéritos escolares e outras fontes oficiais, que permitiram a revelação de todo um processo encoberto por evidências até então pouco exploradas.

Metodologicamente além da ampla pesquisa empírica, procurou desconstruir o seu objeto num diálogo constante com a documentação como que desfiando a trama histórica para depois recuperar os fios e reconstruir o seu tecido.

Questionando uma linearidade progressista, a autora aponta o ir e vir na trajetória do tema, destacando inclusive como a República implantou e difundiu o ensino diferenciado entre os sexos.

Dentro de um quadro recente de crescimento da produção historiográfica sobre a mulher, campo de debate fértil, Maria Cândida contribui para ampliar a análise das mudanças e permanências, das tensões e do movimento da temática mulher e educação.